



O LUTO NO PROCESSO DE REFÚGIO: IMPACTOS PSICOLÓGICOS NA MIGRAÇÃO

GRIEF IN THE REFUGEE PROCESS: PSYCHOLOGICAL IMPACTS ON MIGRATION

LETÍCIA PINHEIRO CADETE

Psicóloga, Pós-Graduada em Gestão Estratégica e Marketing (HSM University). Pesquisadora em Solidão Emocional e Social (Jornada Apoiar - USP) e em Psicopatologização de Refugiados no Brasil (USJT). Atua na área de Educação Corporativa, além de ser Psicóloga Clínica. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5566-0063> E-mail: leticiaacadete45@gmail.com

LUCAS FELIX NOVAES

Psicólogo, Mestre em Ciências do Envelhecimento (USJT) e Especialista em Psicologia Clínica e Psicanálise (PUC-PR). Docente do curso de Psicologia da Universidade São Judas Tadeu. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0410-1717> E-mail: lucasfelixn@gmail.com

RODRIGO JORGE SALLES

Psicólogo, Doutor e Mestre em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Docente no curso de graduação em Psicologia e no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0485-4671> E-mail: rodrigojsalles@hotmail.com

RESUMO:

O luto é um processo de reação à uma perda objetual, no caso dos refugiados, se caracteriza como uma experiência de luto forçado, devido a perda do ideal de pátria, já que toda a estrutura que fazia com que esses sujeitos se identificassem são alteradas de forma brusca. O presente trabalho teve como objetivo principal analisar o luto em refugiados e seu processo migratório na cidade de São Paulo. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com três refugiados de diferentes nacionalidades. Foram utilizados os seguintes instrumentos para coleta de dados: um questionário sociodemográfico, para caracterização dos participantes e um roteiro de entrevista semiestruturada. Os dados foram tratados a partir da análise de conteúdo. Os resultados demonstram que a migração é experienciada através de um processo complexo, envolvendo o desamparo vivenciado no seu país de origem, idealização do país de destino e as perdas ocorridas durante a migração. Essas experiências são vivenciadas sob a forma de um luto pelo





ideal de pátria, representado a partir das diferentes feridas narcísicas decorrentes das frustrações e dificuldades encontradas no país de destino.

Palavras-chave: Luto; Refúgio; Migração; Saúde mental; Psicanálise.

ABSTRACT:

Grief is a reaction to the loss of an object; in the case of refugees, it is characterized as an experience of forced mourning due to the loss of their homeland ideal, as the entire structure that shaped their identity is abruptly altered. This article had as main goal to analyze grief and the migratory process of refugees in the city of São Paulo. This research is characterized as transversal and qualitative. Three refugees of different nationalities took part in the study. The following instruments were used: sociodemographic questionnaire, to characterize participants, and semi-structured interview. The results shows that migration is experienced by the refugees as a complex process, implied by the helplessness felt in their birth country, the idealization of the destination country and the losses that occur during these circumstances. These experiences are endured through grief for their home's nation, in addition to the grief of not achieving what was expected and the difficulties underwent in their new routines.

Keywords: Grief; Refuge; Migration; Mental health; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), até o final de 2023, mais de 117 milhões de pessoas permaneceram deslocadas à força devido a conflitos, perseguições e violações de direitos humanos, um aumento de 8% em relação ao ano anterior. Esse número inclui 43,4 milhões de refugiados e 68,3 milhões de deslocados internos. Esse cenário reflete a continuidade e a falha em resolver conflitos prolongados, que, em 2023, forçaram pelo menos 25 milhões a abandonar suas casas (ACNUR, 2024).

Considera-se refúgio quando o indivíduo tem sua vida ameaçada por questões étnicas, religiosas, culturais, políticas e/ou econômicas, assim como regimes repressivos e outras situações de instabilidade política, violência e violações de direitos humanos (Edwards, 2015). Esse processo se diferencia do conceito de migração, em que os indivíduos saem dos países de origem em busca de trabalho ou educação e, portanto, melhores condições de vida, que não estão relacionadas a conflitos que ameaçam a vida.





Apesar das distinções conceituais entre refugiado e migrante, ambos podem experienciar deslocamentos forçados advindos de múltiplas razões, como a instabilidade financeira, vulnerabilidade da economia do país, pobreza, violação de direitos, fome e desastres naturais (Milesi, 2005). Essas dificuldades configuram a condição do chamado “migrante forçado”, que mesmo não se enquadrando nos elementos conceituais do refúgio, se vê diante da necessidade de mudança de sua terra natal. Ainda que não sejam acolhidos com o amparo das leis internacionais que abrigam os refugiados, esses indivíduos são migrantes por violação de direitos fundamentais (Milesi, 2005). Desta forma, ao longo desta pesquisa, foram utilizadas as duas nomenclaturas, visto que o refugiado pode ser considerado um migrante que busca melhores condições de vida, assim como os migrantes podem ser forçados pelas circunstâncias no seu país de origem a buscar um novo Estado-Nação.

O processo de migração pode comportar uma carga intensa de sofrimento psíquico para o migrante. O abandono de seu lar de origem, frente à necessidade de buscar refúgio em um novo país, leva o refugiado ou migrante forçado a ser colocado diante de um processo de luto frente às diferentes perdas concretas e simbólicas advindas dessa mudança (Pereira e Filho, 2014).

O processo de luto foi descrito por Freud (1917/2010, p.128) em Luto e Melancolia, como “a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal”. Como contraponto ao luto normal, na mesma obra, Freud (1917/2010) também aborda a melancolia, considerada um estado patológico do luto em que há uma cessação do interesse pelo mundo exterior e diminuição da autoestima.

Segundo Martins-Borges (2013) os refugiados e migrantes forçados levam para o novo país muito pouco do que os caracterizava, aspecto que pode ser entendido pelo caráter repentino e até mesmo não planejado da migração, que é frequentemente relacionado ao sofrimento psicológico traumático ao qual foram submetidos no período pré e pós migratório. Pereira e Filho (2014) alertam para essas questões ao definirem que a perda do ideal de pátria pode ser semelhante à desintegração da própria identidade, assim, causando sofrimento mental ao refugiado. Para os autores, essa





experiência é um momento de luto forçado, que faz com que o migrante ultrapasse as estruturas que o constituíram e o sustentaram até aquele momento.

Já Rosa (2012), afirma que o luto dos refugiados está ligado a um processo violento de invisibilidade e não reconhecimento. Este se dá, pois, as demandas dessas pessoas muitas vezes não são reconhecidas, uma vez que, por não terem o reconhecimento legal do Estado acabam num limbo jurídico, sem poder fazer reivindicações. Esse processo é intenso ao ponto de o sujeito perder o laço identificatório com o outro, conduzindo seu discurso a um não lugar. Desta maneira, para ela, esse contexto de não ter suas angústias reconhecidas, leva os refugiados a uma indeterminação, pois sentem não serem validados enquanto sujeitos, ocasionando uma suspensão no luto pela impossibilidade de nomeação, afinal, não há como elaborar um luto impossibilitado.

Torna-se importante compreender os impactos psicológicos do processo de migração, como se dá a elaboração do luto pela perda da idealização da pátria e a criação de novos vínculos no país de destino. Portanto, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a vivência do luto em refugiados, visto que a morosidade do processo burocrático dificulta aos indivíduos gozarem de seus direitos e assistência básica de qualquer outro estrangeiro residindo legalmente no país, podendo impactar diretamente em sua saúde mental.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 MÉTODO

2.1.1 Participantes da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de campo, transversal de metodologia de base qualitativa. O estudo ocorreu no estado de São Paulo com três refugiados de diferentes nacionalidades em circunstâncias pós-migratórias no Brasil. Foram incluídos na pesquisa participantes com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos, que





leem e compreendem o idioma português, além de possuírem o reconhecimento da condição de refugiado já regularizada e/ou feito à solicitação de refúgio e se encontrem há pelo menos seis meses no território brasileiro.

Adotou-se como critérios de exclusão participantes que não residem na cidade de São Paulo ou identificação por parte dos pesquisadores de processos de luto que não sejam oriundos do refúgio, como, por exemplo, o luto pela perda de familiares e entes queridos que ocorreram fora do processo migratório. A seleção dos participantes ocorreu através de amostragem por conveniência, ou seja, foi selecionado um grupo compatível com os critérios de inclusão a partir da divulgação em redes sociais. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando com a participação na pesquisa.

2.1.2 Instrumentos e procedimentos

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, (CAAE número 33379420.5.0000.0089). Em função do processo de isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19, a coleta de dados foi realizada em ambiente virtual. Foi realizado contato com os participantes que responderam a divulgação online em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, agendando um horário para coleta via videoconferência. A coleta foi iniciada pela leitura e coleta da assinatura do TCLE, seguida, pela aplicação de um questionário sociodemográfico elaborado pelos pesquisadores visando a caracterização dos participantes. Por último, foi utilizado um roteiro de entrevista semidirigida contendo 13 perguntas relacionadas aos objetivos da pesquisa. A coleta de dados teve duração média de uma hora, os áudios das entrevistas foram gravados e transcritos integralmente para análise.

2.1.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados através desse estudo foram tratados por meio da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977). Para a análise do material foram seguidas as seguintes etapas: (1) pré-exploração do material; (2) seleção de unidades de registro





relacionadas ao foco deste estudo a partir do critério de repetição; (3) construção de categorias temáticas a partir do agrupamento semântico das unidades de significado; (4) interpretação e discussão das categorias temáticas a partir do referencial teórico psicanalítico sobre luto.

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 1, são apresentadas informações referentes à caracterização dos três participantes da pesquisa. É possível verificar que todos os participantes residem na cidade de São Paulo e compreendem a língua portuguesa. Dois dos três participantes são do sexo feminino, com as idades que variam de 32 a 39 anos. Com relação à atuação profissional, apenas um participante (P3) segue exercendo a mesma função do país de origem. Um participante (P3) não possui regularização no processo de reconhecimento como refugiado. Todos os participantes relatam ter deixado suas famílias no país de origem.

Tabela 1- **Caracterização dos participantes**

participantes	item		
	p1	p2	p3
sexo	feminino	feminino	masculino
idade	39	32	34
cor/raça/etnia declarada	africana negra	negra	preta
estado civil	casada	casada	solteiro
renda mensal	de 1 a 3 salários mínimos	até 1 salário mínimo	até 1 salário mínimo
país de origem	Camarões	Haiti	Togo
ano em que iniciou o processo para ser reconhecido como refugiado	2016	2016	2018
possui parentes/amigos no país de origem?	sim	sim	sim
número de filhos	1	0	0

Na Figura 1 são apresentadas as categorias temáticas elencadas a partir do procedimento de análise de conteúdo e suas subsequentes unidades de significado.





Figura 1 - Categorias temáticas



Motivações para migração





Durante a pesquisa, foi percebido que o processo de refúgio ou migração forçada pode ser desencadeado por diversos fatores, dentre os encontrados nos relatos estão: frustração profissional, questões políticas e religiosas, além da falta de perspectiva de melhora no país de origem. A temática dos refugiados se encontra intrinsecamente ligada ao âmbito do Estado-nação, visto que o país de origem ameaçou violar ou violou os direitos de seus cidadãos, se revelando incapaz de exercer proteção, levando-os a fugirem para escapar da situação de violência. A partir disso, o país acolhedor deve promover proteção a essa população estrangeira recebida em seu território e garantir direitos que estavam em risco no país de origem (Moreira, 2014).

A categoria “motivações para migração” foi construída a partir da análise das circunstâncias diversas que forçaram a migração dos participantes, razões como a economia, violação de direitos, fome, pobreza e até mesmo desastres naturais (Milesi, 2005). Santos (2007, p.82), discute a ideia de que os processos migratórios "agridem o indivíduo, roubando-lhe parte do ser, obrigando-o a uma nova e dura adaptação em seu novo lugar". Portanto, diante de todas essas dificuldades, o ponto central da migração é a busca de um amparo social em outro país. Nesta categoria, temos as seguintes unidades de registro: frustração profissional, questões políticas e religiosas e desamparo e ausência de perspectivas no país de origem.

O sentimento de frustração com o trabalho é abordado por todos os participantes. Resgatar esse aspecto é importante para compreender a motivação do sujeito para sair de seu país de origem. Segundo Freud (1930/2010), o trabalho pode ser considerado como possível forma de deslocamentos libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou eróticos, sendo esse, um componente indispensável para sustentação e justificativa para existência da sociedade. Entretanto, para que esse deslocamento da libido traga ao sujeito uma satisfação, a escolha da atividade profissional deve ser feita livremente. No contexto de refúgio, a satisfação em exercer o trabalho que escolheu não ocorre no país de origem, impossibilitando que o indivíduo reorganize suas pulsões através da esfera profissional, o que pode ser encontrada no relato de P2:

Na verdade eu estudei enfermagem, só que eu não consegui trabalhar na minha área, porque lá tá muito difícil mesmo. Se você não tem um parente, alguém que trabalha numa empresa, se você é formada, vai ser muito difícil pra conseguir emprego. Se você for sair pra entregar curriculum você tem menor chance de





arruma um trabalho, entendeu? Aí como eu não conseguia trabalhar, eu não fazia nada. Meu dia a dia era fazer nada. (P2)

Além das frustrações profissionais, foram recorrentes as referências dos participantes ao papel dos conflitos de natureza política e religiosa como propulsores para sua mudança para um novo país. Os conflitos no país de origem surgem em maioria por diferenças religiosas, étnico-raciais, nacionalistas e regimes antidemocráticos. Nessas circunstâncias o refugiado se vê forçado a cruzar a fronteira em busca de proteção de outro Estado, tendo como objetivo primordial resguardar sua vida (Moreira, 2010).

Não se sentir seguro no país de origem pode provocar um profundo sentimento de desamparo. A análise das entrevistas evidenciou que o desamparo vivenciado pelos participantes se relaciona com experiência de vulnerabilidade diante de um Estado que não fornece condições suficientes para o atendimento de suas necessidades básicas, como segurança e sobrevivência, colocando-o em situação de risco através de conflitos políticos e religiosos. Tais aspectos estão presentes nas falas de P1 ao relatar que o marido sofreu perseguição religiosa e P3 quando relata o papel das tensões políticas vivenciadas no país de origem como motivadores para sua saída do país:

[...] Por causa, por causa da religião, coisa familiar. É por isso que ele saiu do país. A maioria de homem da família dele saiu do país por causa disso, porque, na verdade, o pai dele saiu de uma família muçulmana, né. Eu era cristã, ela converteu o pai ao cristianismo e você sabe que esse problema de religião lá na Nigéria é muito forte. Por causa de tudo isso. Eu decidi de sair para ter uma vida melhor, sem problemas. (P1)

Eu saí de lá porque a situação política no meu país não tá bem, a situação política tá, tá ruim demais. Cada dia é um, tipo, a gente tá, está piorando, as coisas estão piorando, estão piorando. Aí, eu não tenho, eu quero, tipo, pensa positivamente, mas o jeito que o nosso presidente tá mudando as coisas, as leis. (P3)

O desamparo e ausência de perspectivas no país de origem se apresentam nas falas de todos os participantes. Ao falar sobre sua frustração com relação ao país, o refugiado se vê diante de um estado de abandono e a falta de possibilidades surge como decorrência desse processo, tal como pode ser observado na fala de P3: “eu não acho que nesse momento as coisas vão melhorar não, por enquanto não. Eu queria, tipo, ter uma vida melhor, porque, porque é difícil viver bem lá no Togo, porque sem trabalho, aí você não consegue viver bem”. Os sentimentos de impotência e incapacidade em planejar o futuro são considerados um dos principais elementos vivenciados pelos





refugiados e que os levam a um estado de vulnerabilidade (Jordan, 2012). O cenário atual dos países de origem é de falha no suporte social e a falta de perspectivas para o futuro se torna resultado disso, como evidenciado por P3 quando disserta sobre a impossibilidade de encontrar trabalho no Togo.

Esse contexto pode ser atrelado diretamente a influência de uma estrutura capitalista, visto a rotina desvitalizante, mecânica e que leva o sujeito à alienação, tornando difícil se desvencilhar de um modelo que explora, exige produtividade e um padrão social. Nesse sentido, há um sentimento de medo por parte do refugiado e migrante forçado de não se adaptar a essa estrutura e ficar à margem da sociedade (Adorno, 1947/2002; Weil, 2001). Deste modo, o elemento central para o migrante procurar um novo país se dá pela não existência de um amparo social em sua pátria. Notando que em seu país suas necessidades básicas não são alcançadas, o refugiado ou migrante forçado busca, através do refúgio, garantias de que pode viver em segurança, ter um bom trabalho e condições de uma vida digna. Como consequência desse processo, essas pessoas iniciam sua busca por um novo país, idealizando a realidade que vai encontrar em seu país de destino.

Idealização do novo país

Partindo do desamparo provocado pela realidade no país de origem, o refugiado procura ocupar as lacunas de sua vivência no país de destino, muitas vezes, idealizando a realidade que será encontrada. De acordo com Costa (2014), o ideal é o objetivo a ser alcançado pelo sujeito, aquilo que é colocado em seu horizonte, e que requer um movimento para sua realização. Nesta categoria temos as seguintes unidades de registro: estabilidade financeira, aperfeiçoamento profissional e facilidade em trabalhar e liberdade.

Freud (1921/1976) compreende que na idealização, há uma atribuição exacerbada de qualidades positivas ao objeto, em que este assume o status de objeto-suporte sobre o qual a libido é concentrada, gerando superinvestimento de um objeto externo por parte do sujeito. Desta maneira, a análise das entrevistas evidenciou que os participantes criam uma idealização do país de destino, caracterizando-se como uma saída psíquica para o desamparo vivenciado no país de origem. Essa expectativa, pode permitir que os refugiados mantenham alguma esperança na possibilidade de viver uma vida que lhes





foi negada em seu local de origem e acreditar que neste novo país conseguirá expressar e suprir todas as lacunas de sua subjetividade. Portanto, essa categoria abordou as idealizações que os participantes construíram em relação ao seu país de destino.

Dentre os aspectos projetados pelos participantes entrevistados, a estabilidade financeira foi frequentemente abordada, atribuindo uma procura por maior estabilidade econômica à mudança de país. Conforme Boneva e Frieze (2001), a decisão de abandonar seu país está ligada a um plano idealizador em que uma ação migratória surge como a única possibilidade através da qual poderá atingir quaisquer condições financeiras, estando em consonância com a fala de P2: “Maior motivação pra mim era essa questão do emprego. De independência financeira. De capacidade de limitação. É... foi meu maior motivo de deixar meu país” (P2).

Além do fator estabilidade econômica, a maior oferta de trabalho influenciou a escolha do Brasil como país de destino. Quando questionados sobre suas expectativas, dois dos três participantes (P2 e P3) demonstraram grande esperança no que tange às melhores oportunidades de trabalho: “Aí eu pensei, aqui seria bom porque eu tenho diploma, eu sou formada, e eu vou poder continuar a trabalhar como enfermeira” (P2).

Freud, em “O mal-estar na civilização” (1930/2010), expressa oposição entre a sociedade e os desejos individuais. Demonstra então, como as pulsões dos indivíduos são oprimidas, causando uma dicotomia, entre a vida em sociedade, e seus desejos individuais, ou seja, para que a vida em sociedade aconteça, o indivíduo renuncia a suas pulsões, convivendo com o mal-estar. Desta maneira, temos na cultura uma fonte importante de satisfação, uma vez que, nela, o sujeito cria identificação, se sente pertencente e consegue aporte para a elaboração de suas experiências sociais.

Não são apenas as questões financeiras que acabam por ser relevantes para os refugiados. A repressão e impossibilidade de exercer sua religião ou posição política pode contribuir para que haja uma idealização de um local seguro, onde esses direitos básicos são garantidos (ACNUR, 2016). Levisky (2002) discorre que numa cultura fechada, em que há pouca capacidade de expressão, há contribuição para uma organização falha da estrutura e da dinâmica do sujeito, das suas relações familiares e com a sociedade. Dessa forma, a liberdade se torna um conceito fundamental, como observado no discurso P1:





Ter uma vida boa. Não ser, não ser dificuldade, mas boa, boa porque aqui é um país de liberdade e isso já é uma coisa muito boa, de liberdade. Aqui é um país que você tem assistência médica, que é muito bom também. Um país onde você tem, como você fala, educação de graça, porque eu já fiz muito certificado de graça, é um bom ponto. (P1)

De acordo com Rosa, Berta, Carignato e Alencar (2009), o migrante idealiza as pessoas e suas relações com o país de origem em uma tentativa de manter vivo o passado. Entretanto, essa idealização nem sempre é alcançada, na esperança de encontrar um cenário social distinto do país de origem, os refugiados acabam lidando com a frustração ao se deparar com novos desafios e limitações no país de mudança. P2 traz essa frustração decorrente da idealização não correspondida:

E aí, quando eu cheguei, eu vi que era, não era nada disso, e também tem essa questão de experiência que você tem que ter. Aí eu não tenho experiência como enfermeira no Brasil, né, só no meu país, e isso não vale nada, então não é a mesma coisa. (P2)

P3 também relata uma expectativa por conseguir trabalho: “então, meu primeiro objetivo é trabalhar. Arrumar um emprego, tipo uma escola por exemplo”. Todavia, o participante também sofre com a realidade de desemprego no Brasil, como será demonstrado na próxima categoria, acabou acentuada pela pandemia. Portanto, observou-se que ao não encontrar as idealizações almejadas no país de destino por meio do confronto com a realidade, o refugiado vivencia um estado de luto. O luto nesses casos se dá pelo confronto com a realidade, saudade da terra natal e pelo não reconhecimento dessa perda, além da dor da incerteza que o futuro lhes apresenta.

Pereira e Filho (2014), afirmam que o luto dos migrantes está ligado diretamente à condição de viver em outro país sem referências seguras próximas, condição que é somada ao sentimento de abandono e com a vivência das perdas que teve durante toda a vida. Pasqua e Molin (2009) discorrem sobre essa sensação, ao dizer que a ambivalência entre os valores culturais faz com que a pessoa tenha uma vivência de não ser causada justamente pela incerteza do presente. Consequentemente, o luto se manifesta nos refugiados pelo não cumprimento do que idealizavam, quebra essa representada pela ferida narcísica, caracterizada pelo sentimento de fracasso diante do





elevado nível de expectativas criadas (Levisky, 2002). P2 explicita essa alta expectativa, afirmando que vislumbrava uma oportunidade maior de crescimento no Brasil:

Antes de vir, eu fiz umas pesquisas sobre como que é o Brasil, sobre como que é o mercado de trabalho, aí o que me impactou era que as chances de você crescer são bem maiores. Aí por isso que eu me joguei, eu pensei, eu vou ter um futuro aqui. (P2)

Perdas e luto no processo migratório

O processo de migração, e a consequente exposição à realidade do país de destino, fazem com que o indivíduo tenha que lidar com o luto pelo ideal de pátria (Pereira & Filho, 2014). Ao criar a expectativa de encontrar um local que proporcione atingir os objetivos não alcançados em sua terra natal, favorecendo experiências como a estabilidade financeira, liberdade e novas oportunidades de vida, o refugiado e migrante forçado são confrontados com a concretude de uma realidade que se mostra diferente da expectativa construída. Nesta categoria temos as seguintes unidades de registro: dificuldade com a língua, frustração profissional, regularização de documentos atrelado aos impactos da pandemia, racismo e dificuldades com o trabalho.

Conforme Grimberg e Grimberg (1984), o luto se dá como uma reorganização da personalidade, que se manifesta pela perda de algo importante para o sujeito. No contexto do refúgio e migração forçada, essa perda se dá por meio da quebra de sua idealização da pátria, do distanciamento da sua cultura, seus hábitos, a língua materna, a saudade da família e as dificuldades encontradas no país de destino. Nesta categoria, buscou-se compreender o processo de luto nos participantes, identificando fatores que os fizeram reconhecer a perda do vínculo com o país de origem e a constituição de vínculos com o novo país, dentro de uma realidade inesperada que rompeu com suas expectativas iniciais.

Nas entrevistas, a dificuldade com a língua, foi citada por todos os participantes. Fica evidente, dessa forma, o papel fundamental que a dificuldade linguística tem no processo de migração. Atxotegui (2012) diz que a aprendizagem da língua no país de destino, além de promover uma sensação de prazer e satisfação, faz com que haja grande investimento por parte dos refugiados e migrantes forçados, que em alguns





casos, não têm fácil acesso a cursos de idioma. Para Atxotegui (2012), outro ponto que deve ser levado em consideração, é que na migração há o processo complexo de elaboração do luto pela perda do contato com a língua materna e da adaptação à nova língua, aspecto evidenciado na fala de P3: “Então, a primeira dificuldade foi, era aprender a língua, porque sem a língua eu não conseguia conversar com as pessoas, foi a primeira dificuldade” (P3).

A saudade da família também é um ponto em comum entre os três participantes. Considerando a distância, é evidente o sentimento de saudade para com a família e a solidão pela falta do amparo familiar, como identificado na fala de P2.

Tá complicado, e eu sinto muito muito falta do meu país da minha família, muito. Eu to sozinha, e o pior é que eu não tenho um lugar, um recurso, quer dizer, eu não tenho uma família aonde que eu possa correr, um lugar que eu possa ficar segura, eu tenho que me virar eu tenho que fazer tudo sozinha. (P2)

Atxotegui (2000) entende que mesmo com as dificuldades em relação ao país de origem, o fato de não poder contar com o apoio dos familiares faz com que os refugiados e migrantes forçados tenham uma vivência de luto, principalmente quando o indivíduo está passando por dificuldades financeiras ou problemas de saúde, o que pode acarretar, ansiedade, solidão e medo do futuro. A problemática da ausência de contato com os familiares acaba sendo agravada pela morosidade do processo de refúgio no Brasil.

De acordo com o Ministério da Justiça e Cidadania (2016), o tempo médio de espera para que haja o reconhecimento de refúgio é de um ano, podendo se estender de acordo com a complexidade do caso. Com a pandemia da COVID-19, os participantes acreditam que pode haver maiores dificuldades nesse processo. P1 ao falar sobre essa realidade cita o caso de seu filho, que deseja vir para o Brasil:

Esse ano mesmo, eu fui inscrever meu filho na escola, porque eu tava certa que ele vai chegar aqui e (...) Pra não gastar dinheiro, eu preferi guardar esse dinheiro pra fazer o processo dele pra chegar aqui. O primeiro não dar certo, foi em dezembro, tá bom, e o segundo a pandemia começou (...) Só que agora nós precisamos esperar até o fim de tudo, quando as fronteiras vai se reabrir(...) É, agora nós não sabemos onde tá o processo da regularização do documento, é aqui, então nós esperamos, não sabemos nada. Não sabemos nada. (P1)





Além da dificuldade para trazer seu filho para o Brasil, P1 identifica que a pandemia e a forma com que o governo brasileiro está tratando o assunto fazem com que haja medo por parte das pessoas que consideravam o Brasil um local seguro para viver:

Assim, todo mundo tá com medo. Eu receber ligação todo dia quando quase. Acho que essa semana o pessoal me ligou pra perguntar “e aí, você está bem, mas fica em casa, não sair da casa, porque você, o seu governo lá tá muito, não tem regras, tudo isso. Você tá em perigo lá. (P1)

A partir do discurso de P3 observa-se outro problema advindo da pandemia, a perda de empregos. De acordo com o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED, 2020), mais de 1 milhão de pessoas perderam empregos com carteira assinada entre os meses de março e abril de 2020, realidade que atinge de forma ainda mais cruel os refugiados.

“Aí, depois do início dessa pandemia, infelizmente, eu não, tipo, a empresa me mandou embora. Aí tava em casa há, desde março, foi março, é, foi março.(...) Eu parei de dar aula também. Eu não conseguia sair de casa pra trabalhar.” (P3).

Ser compreendido como um sujeito com os mesmos direitos da população local não é uma situação automática. Nascimento (2019) discorre que essas barreiras perpassam a esfera social, cultural, linguística, mercado de trabalho e racismo, além da burocracia para solicitação de documentos, contribuem para o processo de marginalização dos refugiados. De acordo com Ramos (2009), a diversidade cultural tem um papel ambíguo dentro da realidade de um migrante. Em um ponto, ela serve como um reconhecimento do que é diferente, mas em outro polo acentua as diferenças existentes, desencadeando atitudes de discriminação, racismo e exclusão. Nos relatos de P1 e P2 fica evidente não apenas a xenofobia, mas também o racismo e sua representação estereotipada por parte da população brasileira. P1 traz essa questão de forma mais acentuada:

Quando o brasileiro vê o refugiado, ele vê o sofrimento (...) Na verdade é muito humilhante. E eu tenho, um dia, quando eu tava procurando um trabalho (...) E eu tava dentro do ônibus e um senhor senta, sentou perto de mim e “ah menino, você é africana?” e eu disse “sim”, e ele me falou “ah, muito sofrimento na África. (P1)





O luto e a frustração no país de destino são vivenciados pelos refugiados também no que diz respeito aos obstáculos com o trabalho. Segundo Franco (2016), o refugiado e migrante forçado lidam com o desemprego e a pobreza, que acabam por fazer parte de seu cotidiano no Brasil. De acordo com Ishizuka e Brulon (2019), quando conseguem trabalho, os migrantes tendem a não atuar na mesma área em que tem especialidade, ou trabalhou no país de origem. A frustração por não conseguir um trabalho em sua área escolhida de atuação profissional pode ser observada nas falas de P1 e P2.

Eu fui na universidade, eu tenho diploma e eu tenho formação, mas quando você vai em frente de um brasileiro, ele pensa que você não conhece nada, que não tem nada na cabeça e você não pode fazer nada. Isso pra mim é muito difícil...(P1)

[...] Eu tenho meus diplomas, eu tenho tudo. Até agora eu to há 4 anos e não to conseguindo trabalhar como enfermeira. Eu só quero trabalhar com a minha profissão, mas, está sendo duro. Formação e diplomas não garantem nada (P2)

Pasqua e Molin (2009) discorrem sobre algumas dessas expectativas, afirmando que o migrante é, muitas vezes, mal-informado sobre a realidade do novo país, geralmente chegando com poucos recursos e sem conhecimento sobre questões burocráticas, criando uma expectativa irreal de que conseguirão trabalho e adaptar-se com facilidade ao novo país. De acordo com a ACNUR (2024) a maioria dos refugiados e migrantes forçados acabam se deparando com um processo de desclassificação socioeconômica, fator que pode ser explicado não apenas pela restrição do mercado de trabalho, mas também, como demonstrado acima, pela dificuldade que encontram em validar seus diplomas.

Grimberg e Grimberg (1984) afirmam que, ao sair de seu país, o migrante busca permanecer vinculado à sua cultura e laços emocionais, visto que exterioriza sua personalidade através destes, como por exemplo, através de rituais religiosos, relacionamentos e culinária. Entretanto, esse processo ocorre ao mesmo tempo em que há estabelecimento de novos vínculos com o país de destino, fazendo com que o sujeito substitua parcialmente o que abandonou, sentimento este que contrasta com a realidade encontrada no país de destino (Grimberg & Grimberg, 1984). Quando o que se encontra no novo país não supre as expectativas e idealizações criadas, há um rompimento do ideal do Ego, que segundo Freud (1923/1980), é a instância pela qual o Ego cria um ideal





de perfeição, ou seja, a idealização buscada no país de destino, como uma forma de satisfazer as lacunas de sua subjetividade, que é frustrada a partir do contato com a realidade desse novo país.

A idealização construída nesse processo é perdida no encontro com um país de destino que não supre suas necessidades, lançando o sujeito a uma nova vivência caracterizada como uma ferida narcísica, com a quebra dessa imagem idealizada e a vivência de um novo estado de desamparo. Nesse momento, o sujeito experimenta dificuldades para encontrar emprego, aprender uma nova língua e com as barreiras impostas pelo preconceito da população local. Entretanto, mesmo que a vivência em um novo país não seja a esperada, dado o processo de luto pelo ideal de pátria não concretizado, a maioria dos refugiados possuem interesse em permanecer no Brasil (ACNUR, 2019), conforme pode ser observado na fala de P3.

Eu não acho, eu não tenho essa vontade de voltar pra morar sempre no meu país, não. Eu preciso, é, ter meu objetivo. Eu quero me estabilizar aqui, quero ter uma família aqui, quero crescer aqui. É, eu não tenho essa vontade de voltar pra lá. (P3)

A fala de P3 evidencia que, apesar das frustrações por não ter suas expectativas atendidas, ainda assim, a realidade apresentada no Brasil parece ser menos frustrante do que a vivenciada no país de origem. Esse contexto pode ser encontrado através de alguns relatos dos participantes, por exemplo a fala de P1, que cita a educação e saúde básicas como uma diferença grande que acredita existir entre os países.

Aqui é um país que você tem assistência médica, que é muito bom também. Um país onde você tem como você fala, educação de graça (...) lá na África é um problema, se você não vai, se você não tem dinheiro, você vai, você não pode estudar se você não tem muito dinheiro (...) você vai sempre tendo uma educação baixa. (P1)

P2 elenca um valor sentimental encontrado no Brasil, o amparo dos amigos, que em suas palavras, não encontraria no seu país de origem.

O que as... meus amigos, os brasileiros fizeram pra mim, que eu nunca vi que meu povo de lá onde eu venho, não teria coragem de fazer pra mim. Eu já morei com brasileiros, e eles me ajudaram bastante, eu não tenho palavras... (P2)





Desse modo, após a elaboração do luto, é possível o desenvolvimento de maior aceitação da realidade e de suas próprias limitações da realidade (Montagna, 2017). No caso dos refugiados e migrantes forçados, há uma ressignificação que permite ao sujeito investir em um novo objeto, nesse caso, representado pelo novo país, e as relações nele construídas, favorecendo uma nova perspectiva, em que mesmo com as dificuldades encontradas, a permanência nesse país se torna o novo objetivo principal.

3 CONCLUSÃO

A partir deste estudo foi possível compreender que as frustrações vivenciadas no país de origem evocam um estado de desamparo, motivando o refugiado a preencher as lacunas de sua vivência com a mudança de país na esperança de obter a realização pessoal e encontrar o amparo não obtido em sua terra natal. Ao buscar um novo lar no país de destino, o refugiado e migrante forçado idealizam a nova realidade como impulso para sua migração.

Ao se deparar com as dificuldades do novo lar, inicia-se um processo de luto pela idealização do novo país, a partir da reorganização psíquica e ressignificação dos vínculos com o país de partida. Além disso, existe uma ruptura das idealizações almejadas evocando nos refugiados a sensação de fracasso por não ter atingido todos os objetivos traçados ao procurar um novo lar.

Houve alguns impeditivos para a realização da pesquisa, visto que está se iniciou em um cenário de pandemia, aspecto que dificultou o contato com o público estudado. Ressalta-se a importância de novos estudos que esclareçam aspectos psicológicos no período pré-imigratório e políticas públicas que auxiliem o refugiado e migrante forçado a alcançar suas expectativas de vida digna e inserção nesse novo laço social. Além disso, para futuras pesquisas, seria recomendável a realização de estudos longitudinais que acompanhem os refugiados ao longo do tempo, possibilitando uma compreensão mais completa das transformações psicológicas e emocionais que ocorrem nas diversas fases de adaptação.





REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. O iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Trabalho original publicado em 1947).

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. **Refugiados e Migrantes: Perguntas Frequentes**. Brasil, 2016. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/#:~:text=Migrantes%20podem%20deslocar-se%20para,fome%20ou%20de%20extrema%20pobreza>>. Acesso em: 25 out. 2024.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. **Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil: Subsídios para elaboração de políticas**. Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Resumo-Executivo-Versão-Online.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2024.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. Dados: refugiados no Brasil e no mundo. Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/sobre-o-acnur/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo#:~:text=Com%20base%20em%20dados%20operacionais,que%20tenha%20ultrapassado%20120%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 30.out.2024.

ATXOTEGUI, J. Los duelos de la migración: una aproximación psicopatológica y psicosocial. In: PERDIGUERO, E.; COMELLES, J. M. (Eds.). **Medicina y cultura: estudios entre la antropología y la medicina**. Barcelona: Bellaterra, 2000. p. 83-100.

ATXOTEGUI, J. **Emigrar hoy en situaciones extremas**. El síndrome de Ulises. Aloma: Revista de Psicología, Ciències de l'Educació i de l'Esport, v. 30, n. 2, p. 79-86, 2012. Recuperado a partir de: <https://www.revistaaloma.blanquerna.edu/index.php/aloma/article/view/171>. Acesso em: 10 nov.2024

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
BONEVA, B. S.; FRIEZE, I. H. **Toward a concept of a migrant personality**. Journal of Social Issues, v. 57, n. 3, p. 477-491, 2001. Available from: https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/0022-4537.00224?casa_token=6l0wbpayFOMAAAAA%3AEW-8KZQcefDIIYjbygTuyH_r8hHpADZ4zA7-fktENY3cQRSmtdn89KJXRAmSKIRMuRcrxgJMHY0hcmgT3w. Access in: 11 nov.2024

COSTA, A. **Um luto impossível: efeitos de traumas em imigrações**. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 1, p. 32-36, 2014. Disponível em: https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf#page=32. Acesso em: 10 nov.2024





EDWARDS, A. **Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto.** Genebra: ACNUR, 2015. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>>. Acesso em: 1 out. 2024.

FRANCO, S. V. **Migrações forçadas: Um estudo acerca do refúgio na atualidade.** Revista Direitos, Trabalho e Política Social, v. 2, n. 2, p. 69-85, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/8765>. Acesso em: 05 nov.2024

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. p. 127-144. (Trabalho original publicado em 1917).

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-147. (Trabalho original publicado em 1921).

FREUD, S. O eu e o id. In: **Obras Completas, v. XVI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-74. (Trabalho original publicado em 1923).

FREUD, S. Mal Estar na Civilização. In: **Obras Completas, v. XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1930).

GRIMBERG, L.; GRIMBERG, R. **Psicoanálisis de la migración y del exilio.** Madrid: Alianza, 1984.

ISHIZUKA, M. F.; BRULON, V. **A integração local dos congoleses refugiados e solicitantes de refúgio no Rio de Janeiro.** Administração Pública e Gestão Social, p. 57-68, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3515/351557755005/351557755005.pdf>. Acesso em: 10 nov.2024

JORDAN, C. **Baseline assessment of community identified vulnerabilities among Syrian refugees living in Amman.** Amman, Jordan: Author, 2012. Available from: <<http://data2.unhcr.org/en/documents/details/36380>>. Access in: 05.nov.2024.

LEVINSKY, D. L. **Depressões narcísicas na adolescência e o impacto da cultura.** Psychê, v. 6, n. 10, p. 125-136, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30701007.pdf>. Acesso em: 10 nov.2024

MARTINS-BORGES, L. **Migração involuntária como fator de risco à saúde mental.** REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 21, n. 40, p. 151-162, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-85852013000100009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/5ybFYzvWhw9K6TXFHY9QVpD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov.2024





MONTAGNA, P. **Alma migrante**. Revista USP, n. 114, p. 109-118, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142371>. Acesso em: 05 nov.2024

MOREIRA, J. B. **Redemocratização e direitos humanos: a política para refugiados no Brasil**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 53, n. 1, p. 111-129, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-73292010000100006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/4Hd4sbq45CnrH6dyZ4DXnVs/?lang=pt>. Acesso em: 1 nov.2024

MOREIRA, J. B. **Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local**. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/4Hd4sbq45CnrH6dyZ4DXnVs/>. Acesso em: 04 nov.2024

MILESI, R. **Refugiados e Migrações Forçadas: Uma reflexão aos 20 anos da Declaração de Cartagena**. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), 2005.

MILESI, R.; MARINUCCI, R. **Migrações internacionais contemporâneas**. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), 2005.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E CIDADANIA. Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/mjc-esclarece-principais-duvidas-sobre-refugio-asilo-politico-e-visto-humanitario>. Acesso em: 05 nov.2024.

NASCIMENTO, S. F. **Refugiados congolezes: a evidenciação do racismo no Brasil**. Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social. Vitória, ES, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/25703>. Acesso em: 11 nov.2024

NOVO CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS. **Estatísticas mensais do emprego formal - Novo CAGED**. Brasil, 2020. Disponível em: http://pdet.mte.gov.br/images/Novo_CAGED/Jul2020/2-apresentacao.pdf. Acesso em: 25.out.2024.

PASQUA, L. D.; MOLIN, F. **Algumas considerações sobre as consequências sociais e psicológicas do processo migratório**. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Ano XVII, n. 32, p. 101-116, 2009. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/147>. Acesso em: 06 nov.2024

RAMOS, N. **Saúde, migração e direitos humanos**. Mudanças – Psicologia da Saúde, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2009. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3127>. Acesso em: 18 out.2024

ROSA, M. D.; BERTA, S. L.; CARIGNATO, T. T.; ALENCAR, S. **A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 12, n. 3, p. 497-511, 2009. Disponível em:





<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/4qK39MQPRn9MyHps6BRVC3n/?lang=pt>. Acesso em: 05 out.2024

ROSA, M. D. **Migrantes, imigrantes e refugiados: a clínica do traumático**. Revista de Cultura e Extensão, v. 7, p. 67-78, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rce/article/view/46597>. Acesso em: 10 nov.2024

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.

